

LINGUASAGEM

OS EFEITOS DE DESLOCAMENTOS DA MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DE NOMEAÇÃO DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA EM (DIS)CURSO

Elaine Pereira DARÓZ¹
Maria Eduarda Alves da SILVA²
Matheus Henrique Dias GOMES³

Resumo: Ao longo de nossas pesquisas, observamos que história e memória se entrecruzam na(s) história(s) dos sujeitos, produzindo determinados efeitos de sentidos, e não outros, que se regularizam no seio social, e se materializam nas práticas. É justamente nesse movimento contínuo entre atualidade e memória que está a possibilidade de uma re-significação dos sentidos e dos sujeitos. Neste artigo, objetivamos uma análise discursiva acerca da designação *Museu da Resistência*, localizado na cidade de São Paulo. Para tanto, nos aportamos dos pressupostos teórico-analíticos da Análise do discurso de linha francesa (Michel Pêcheux), a fim de melhor compreender, em nosso gesto de interpretação, o lugar da memória na regularização dos sentidos acerca do Museu, bem como os seus efeitos nos sujeitos discursivos.

Palavras-chave: Análise do discurso; memória, Museu da Resistência

Abstract: Throughout our research, we observed that history and memory intertwine in the subject (s) of the subjects, producing certain effects of senses, and not others, that are regularized in the social bosom, and materialize in practices. And it is precisely in this continuous movement between actuality and memory that there is the possibility of a re-signification of the senses and the subjects. In this article, we aim at a discursive

¹Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (CAPES/FAPERJ), com estágio doutoral na Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Realiza pesquisas de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP) sob a supervisão da Profª Dra Lucília Maria Abrahão e Sousa, e com o apoio financeiro do órgão de fomento FAPESP (Proc no 2018/1307-2). Membro do grupo de estudos “Discurso e memória: movimentos do sujeito, e E-l@dis – sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6084-7850> E-mail: lainedaroz@gmail.com

² Mestranda em Psicologia na Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), campus Ribeirão Preto, onde atua como membro do Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos (E-L@DIS). Possui graduação em Psicologia na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). E-mail: duda.psico2014@gmail.com

³ Graduando do curso de Ciências da Informação e Documentação na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Membro do Laboratório Discursivo: Sujeito, Rede Eletrônica e sentidos em movimentos (E-L@DIS). E-mail: matheus.diasgomes@usp.br

analysis about the designation of the *Museu da Resistência*, located in the city of São Paulo. Therefore, we use the theoretical and analytical assumptions of the French Discourse Analysis (Michel Pêcheux), in order to better understand, in our gesture of interpretation, the place of memory in the regularization of senses about the Museum, as well as its effects on discursive subjects.

Keywords: Discourse Analysis; memory; *Museu da Resistência*.

Palavra iniciais

*E a vida?
E a vida o que é diga lá o que ela é meu irmão
Ela é a batida de um coração [...]
Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte [...]
Gonzaguinha*

A necessidade de compreender o seu tempo e transmitir a sua herança acompanha a transformação do/no sujeito em sociedade. Se outrora, a transmissão de valores, costumes e hábitos se dava, majoritariamente, pela oralidade, ao longo dos tempos os museus cumpriram – e cumprem, de certa forma – esse papel. Os gregos já se pré-ocupavam em recontar os fatos e feitos por meio de lendas mitológicas, como uma necessidade de preservação de uma memória sobre os povos, suas crenças, da sua história. No Renascimento, por sua vez, primava-se o colecionismo privado de inúmeros objetos como mobília, roupas, moedas dentre outros, em grande parte, financiado por banqueiros e integrantes da burguesia em ascensão, a fim de normatizar um padrão de comportamento com vistas à regularização de uma memória sobre determinada cultura, determinada sociedade.

Como podemos observar, história e memória se entrecruzam na(s) história(s) dos sujeitos, produzindo determinados efeitos de sentidos, e não outros, que se regularizam no seio social, e se materializam nas práticas. Os museus, presentes em larga escala na sociedade contemporânea, operam, muitas vezes, sob um caráter regulador de uma memória, cujos sentidos que ali se materializam são, muitas vezes, concebidos como um dizer absoluto, possível a partir de um efeito de homogeneidade dos dizeres que se fazem presentes nessas instituições.

Distante de uma entidade homogênea, o museu foi ganhando novos contornos e proposições, expondo, assim, a heterogeneidade nele constitutivo. De acordo com Orlandi (2013), os museus são uma instituição social complexa, na medida em que nele

estão interligadas questões culturais inerentes à determinada sociedade. Atualmente, ainda segundo a autora, os museus têm desempenhado um papel fundamental na mediação dessas relações, criando novos sentidos e produzindo saberes e, por conseguinte, novas práticas de significação.

Intrínseca aos dizeres/sentidos que neles se materializam está a possibilidade de uma re-significação dos sentidos e dos sujeitos. Sob esse aspecto, para Borges (2011), o museu é concebido como um lugar de fala, tendo em vista a especificidade de sua relação com o mundo e também por ser responsável por um tipo particular de desdobramentos de sentidos.

O nosso trabalho tem por objetivo uma reflexão acerca dos sentidos inerentes ao *Museu da Resistência*, localizado na cidade de São Paulo. Os pressupostos teórico-analíticos da Análise do discurso de linha francesa (Michel Pêcheux) fundamentarão o nosso gesto de interpretação, em especial no que concerne à relação entre memória e atualidade que se faz presente na nomeação desse museu. Nessa perspectiva, o conhecimento das condições de produção acerca da criação e nomeação do museu nos auxiliará a compreender o modo pelo qual determinados sentidos sobre o Museu são reproduzidos, em detrimento do silenciamento de sentidos outros que ali se inscrevem.

D/no Museu, as condições sócio-histórico-ideológicas de sua (r)existência

Do grego *mouseion*, concebido em sua gênese como templo onde repousavam as Musas (ROSARIO, 2002), o museu é compreendido na atualidade como um espaço crítico de reflexão, e problematização, tendo como alguns dos seus objetivos propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, produção de conhecimentos e oportunidades de lazer a serviço da sociedade⁴. Sob esse aspecto, a noção das condições de produção do discurso que nele se inscreve é de suma relevância para as reflexões aqui apresentadas.

Segundo Orlandi (2007), as condições de produção buscam compreender o jogo constitutivo que se estabelece na relação entre sujeito e língua em determinadas situações sócio-históricas, e ideológicas, de produção do discurso, como também elencar o papel da memória que esta em funcionamento da/na produção de discurso. Em seu livro *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, a autora aponta, nessa

⁴ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Cadastro Nacional de Museus*. Disponível em: portal.iphan.gov.br/files/questionario_cadastro_nacional_de_museus.doc. Acesso em: 6 set. 2018.

relação, tanto o contexto imediato, estrito, inerente à produção do dizer, assim como, em sentido mais amplo, as condições sócio-históricas constitutivas de todo discurso. Para Orlandi (2007, p.30), “[...] podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”.

Enquanto o sentido estrito funciona como um conjunto de circunstâncias da enunciação resultante das formas de como esse dizer está dito daquele modo e não de outro, o contexto sócio-histórico emerge no dizer pelo modo como o dizer se regulariza na história.

O prédio que hoje abriga o Memorial da Resistência foi, constituído, desde a sua gênese em 1914, por uma multiplicidade de sentidos, passando por transformações estruturais para servir a fins diversos. Dentre eles está a instauração de delegacias vinculadas ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP), no período de 1940 a 1983⁵. Como polícia política criada em 1924, com atuação, inclusive no Estado Novo, DEOPS operou serviço da política ditatorial vigente no país no período de 1964 a 1983. Nesse período, além de censuras aos meios de comunicação, o DEOPS atuava em toda a sorte de repressão tanto física – como torturas – quanto simbólica – por meio de ameaças às famílias dos presos – aos insurgentes à ditadura militar sob a alegação do restabelecimento da ordem nacional.

Após o período de redemocratização do país, no entanto, a delegacia de repressão política deu lugar ao centro cultural da cidade de São Paulo, com a gestão do prédio concedida à Secretaria da Cultura, em 2002. Foi após estar a cargo do Arquivo do Estado de São Paulo, instituiu-se o *Museu da Liberdade*, uma instituição cultural ancorada numa política de instauração de lugares de memória, cujo movimento já se fazia presente na América do Sul, como um espaço de preservação de memória.

Em sua obra *Les Lieux de Mémoire*, Nora (1993, P. 12-13) afirma que

Os lugares de memória são, antes de tudo, **restos**. [...] É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que **secreta**, veste, estabelece, constrói, **decreta**, **mantém pelo artifício e pela vontade um coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação**. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que **aplina os**

⁵ DEOPS. Acervo. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/textual/deops>. Acesso em: 20 abr. 2020.

particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; **sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.**

E é justamente como um aparente sinal de um reconhecimento das histórias de horror que o Museu da Liberdade se propõe a trazer à memória o que secreta d/nos restos que ali se encontram. Trazer à memória as atrocidades que ali se materializam pode ser compreendido, ainda, como um movimento de re-integração das vítimas, mesmo *in memoriam*, e suas famílias a um lugar de pertencimento no seio social. Entretanto, a designação do museu “da Liberdade”, para um espaço de represália e tortura a presos políticos, nos faz refletir acerca do modo de funcionamento da ideologia dominante na regularização de uma memória sobre esses fatos, sobre este lugar e, sobretudo, sobre os sujeitos ali vitimados.

Em um estudo intitulado *O papel da memória*, apresentado no colóquio História e Linguística, na França nos anos de 1983, Pêcheux afirma que a memória é o elemento estruturante do discurso, na medida em que por movimentos de desestruturação/re-estruturação dos sentidos relativamente estáveis no seio social são sempre passíveis de se tornarem outros. Isso porque, segundo o autor, a memória é um “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX 1999 [1983], p. 56. Nesse movimento contínuo e ininterrupto no e pelo qual sujeitos e sentidos se constituem que determinados sentidos são reproduzidos, com vistas à sua naturalização, enquanto sentidos outros são silenciados ou até mesmo apagados.

Embora *Museu da Liberdade* faça emergir algo do indizível e inimaginável, observamos, na sua designação, uma possibilidade de apagamento dos horrores ali sofridos que se marca, inclusive, pela contradição de sua designação visto que muitos dos que ali entraram, jamais viram a sua liberdade, tampouco suas famílias, na medida em que alguns corpos foram ocultados, negando a seus parentes até mesmo o ritual do sepultamento sacramentado em nossa sociedade. Sendo assim, o museu reporta a liberdade de quem? Para quem?

Tomando em atenção os estudos althusserianos, Pêcheux afirma em *Semântica e discurso* (1988 [1975]) que é próprio da ideologia dissimular o seu funcionamento na linguagem sob o efeito de transparência da linguagem. Isso é possível por meio de paráfrases, reiterações, deslocamentos e deslizamentos nas redes de sentidos que se regularizam no interior de todo processo discursivo. Sob esse aspecto, ideologia e

memória atuam concomitante no assujeitamento dos sujeitos, produzindo neles uma ilusão de evidência dos sentidos inerentes à ordem vigente. A designação do museu “*da Liberdade*”, enquanto lugar de memória que visa rememorar acontecimentos históricos, em contradição às práticas cometidas pelo Estado no período da ditadura militar em represália aos que não se alinhavam à ordem vigente, produzem um efeito de evidência de determinados sentidos, legitimando tais práticas. Isto é, tais práticas supostamente cometidas para a libertação de uma nação que estaria à deriva; numa sociedade onde predominava os princípios liberais e direitistas, estar à deriva corresponderia estar sob o comando ou ameaça dos oponentes a esse regime, ao movimento esquerdista em especial.

Numa relação entre história e memória, Nora (1984) afirma que os monumentos, arquivos, museus, dentre outros, ocupam uma posição epistêmica alinhada ao redor do princípio dos lugares de memória que podem ser tanto lugares materiais como práticas imateriais marcadas pelo que o autor designa vontade de memória, transformando a prática da rememoração em algo fundamental no seio social. Por essa via, a nomeação do museu constitui uma prática imaterial marcada por uma vontade de uma memória, em detrimento de um lugar de reflexão, e problematização, dos acontecimentos ali vividos.

Como vimos afirmando, o *Museu da Liberdade* encontra-se numa posição central da cidade de São Paulo, o que nos faz compreender a relevância de sua existência. Em seus estudos acerca da nomeação e sua relação com o espaço citadino, Fedatto (2013) afirma que a nomeação produz um efeito de referencialidade simbólica por uma rememoração de um fato ou elemento da história daquele espaço, constituída em e exposta à interpretação, numa relação entre memória e apagamento/silenciamento. No museu, dito *da Liberdade*, enquanto instituição histórica, se marca por um efeito de referencialidade, com vistas à vontade de regularização de uma memória no seio social que, pela via da espetacularização, legitime tais abusos, em detrimento de uma rememoração dos horrores ali vivenciados como ponto de reflexão. O museu funciona, assim, como um ponto de referência em relação ao imaginário, lugar pelo qual se materializa um passado cuja identificação do sujeito se dá por meio de determinados saberes que nele se inscrevem, tendo em vista o tempo que se representa. Numa relação entre história e memória, ou ainda memória e atualidade, tais saberes operam numa relação entre rememoração e/ou apagamento de sentidos, e sujeitos, com vistas aos interesses da ideologia vigente.

Em atenção à relação aparentemente conflituosa entre a proposta do Museu da Liberdade e a sua nomeação, o museu, sob os cuidados da Pinacoteca de São Paulo, e num gesto de escuta às reivindicações de ex-presos políticos e familiares, passou a ser designado como Memorial da Resistência em 2008 (Figura 1).



Figura 1 - Memorial da Resistência⁶

Sob a designação de memorial, voltada para a preservação e propagação de informações históricas inerentes não apenas aos fatos históricos ali vividos, mas também para a rememoração dos abusos ali sofridos pelos então presos políticos. Como afirma Marília Bonas⁷, diretora do Memorial, “um espaço de representação de uma memória traumática, ligada à uma política de memória da ditadura, cujo papel social e político é fomentar pesquisas, discussões tendo como base em documentos ali presentes, trazendo à cena a repressão para dar voz, e vez, à resistência, como podemos observar a seguir, na figura 2.

⁶ Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0#>
Acesso em: 20 abr. 2020.

⁷ Em entrevista realizada em 06 fev 2020 à pesquisadora e psicanalista Gláucia Nagem, membro do laboratório discursivo E-l@dis, situado na Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, que tem como coordenadora a Prof.^a Dr.^a Lucília Maria Abrahão e Sousa.

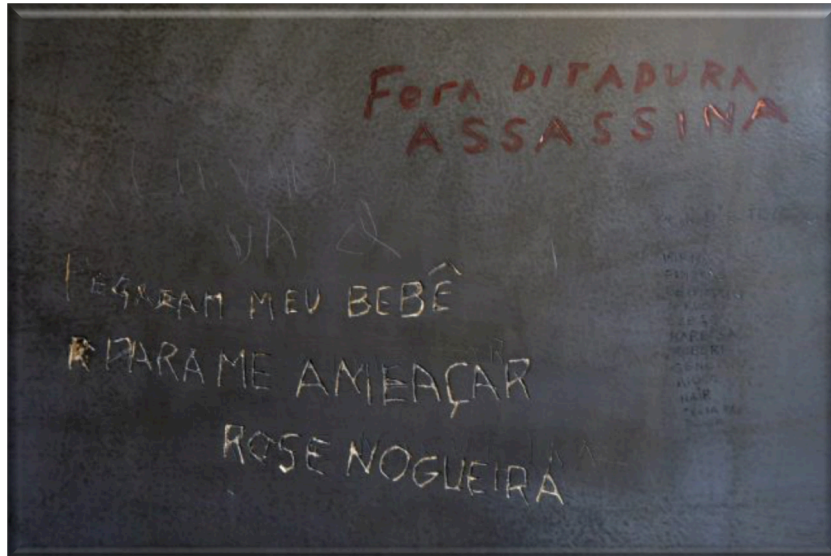


Figura 1 - Dizeres encarcerados⁸

Os dizeres de Rose Nogueira fazem ecoar sentidos e sujeitos silenciados no período ditatorial, em denúncia aos abusos cometidos não apenas a presos, como também a seus familiares. E, assim, em resistência à ordem vigente, Rose luta por um projeto de mundo, um projeto de vida em que pese a sua própria (r)existência, trazendo à cena as vozes de quem luta, e a vez de quem vive. E, dessa forma, demais celas preservadas à época fazem reverberar em nossos dias o sofrimento e, sobretudo, a (r)existência dos que ali estiveram e, muitos, permaneceram.

Segundo Guimarães (2003) a nomeação, ou o ato de nomear é o efeito de atribuir um nome, de denominar, de dar existência histórica e de produzir também sentidos atribuídos a essa nomeação. Como podemos observar ao longo de nossa reflexão e(m) análise, nomear o espaço como museu já tem uma representação de sentido, e já impõe um papel para esse local, uma significação, produzindo efeitos no sujeito contemporâneo, em especial no que concerne à constituição do imaginário sobre determinados acontecimentos históricos e, sobretudo, sobre sujeitos que neles estão inscritos.

Considerações finais

Na trajetória na e pela qual sentidos e sujeitos se constituem, a ideologia cumpre a função de naturalizar, via Aparelhos do Estado, a fim de (r)estabelecer uma memória do dizer. O Museu, enquanto instituição cultural, pode ser compreendido como um

⁸ Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0#>
Acesso em: 20 abr. 2020.

braço do Aparelho ideológico da Informação (ALTHUSSER, 1970), cuja função é de regularizar uma memória no seio social, pela via da reprodução/naturalização de determinados sentidos.

Sob esse aspecto, as condições sócio-históricas, e ideológicas, em que os sentidos que emanam por meio da nomeação de um museu se ancoram em um já-ditos relativamente estáveis produzem efeitos de identificação, ou não, a esses sentidos, pautado no imaginário que dele se constitui.

Os sentidos sobre a nomeação do Museu, bem como os deslocamentos sofridos ao longo de seu estabelecendo na cidade de São Paulo – Liberdade para Resistência – revelam a complexidade da língua, enquanto lugar de materialidade da ideologia, expondo a tensão constitutiva das relações sociais. Em contraposição a uma língua transparente e neutra, podemos observar que o processo de regularização dos sentidos está intrinsecamente ligado aos modos de subjetivação do sujeito e, por conseguinte, o lugar que ele deve (ou não) ocupar na esfera social. O deslocamento de Museu – enquanto instituição jurídica – para Memorial – instituição plural de acolhimento de memória e sujeitos inscritos em uma conjuntura histórico-ideológica específica – possibilita, ainda, uma re-significação dos sentidos que neles se inscrevem, produzindo efeitos de memórias outros e, por conseguinte, um modo outro de significação do lugar dos sujeitos tanto em relação ao *locus* quanto à sua posição na esfera social.

O processo de re-nomeação do museu parte de um movimento de conscientização de uma história (d)e uma população que não deve ser apagada. No Brasil, a ditadura – período de 1964 a 1985 – vitimou aproximadamente 20 mil brasileiros, contando com aproximadamente 434 mortos e desaparecidos políticos⁹. Atualmente, regado a um governo autoritário, assistimos a banalização da violência por meio de discursos de ódio, a volta da ditadura e da repressão em nosso país. Em acréscimo ao horror que tais discursividades nos tomam de assalto, temos ainda a contabilização da morte e a precificação da vida em meio a uma pandemia provocada pelo vírus COVID-19.

Diante das condições de produção em que esses dizeres são reproduzidos, fazemos coro à indagação de Gonzaguinha, destacada em nossa epígrafe: *E a vida? E a vida o que é diga lá o que ela é meu irmão[...]*. Inúmeras são as possíveis respostas para essa e outras indagações que nos assola no momento atual, e não pretendemos aqui

⁹ Dados extraídos do site Janelas Abertas, disponível em: <https://janelasabertas.com/2019/04/26/memorial-da-resistencia/>. Acesso em 22 abr. 2020.

esgotá-las. Afinados com os propósitos do Museu da Resistência, e tendo a abordagem discursiva de linha pecheutiana como princípio norteador para as nossas análises, buscamos em nosso trabalho, a rememoração do horror para que não torne a nós, e, sobretudo, a força da resistência de sujeitos que lutaram, e lutam, pelo respeito ao ser humano e pelo direito à vida.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.
- BORGES, M. E. L. **Inovações, coleções, museus**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FEDATTO, M. C. **Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira**. Editora da Unicamp-Campinas, 2013.
- GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NORA, P. **Les lieux de mémoire**. La République, Paris. Gallimard, 1984.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007a.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Discursos e museus: da memória e do esquecimento**. Signo y seña, n. 24, p. 11-20, 2013.
- PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].
- ROSARIO, C. C. O lugar mítico da memória. **Morpheus. Revista Eletrônica de Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2002.

Como referenciar este artigo:

DARÓZ, Elaine Pereira; SILVA, Maria Eduarda Alves; GOMES, Matheus Henrique Dias. Os efeitos de deslocamentos da memória na constituição de nomeação do memorial da resitência em (dis)curso. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 13-23, janeiro, 2021.